



# Discurso & Sociedad

Copyright © 2019  
ISSN 1887-4606  
Vol. 13(3) 383-410  
[www.dissoc.org](http://www.dissoc.org)

---

*Artículo*

---

**A retórica do mito:  
Uma análise do desempenho oratório de  
Bolsonaro na propaganda eleitoral**

*The rhetoric of myth:  
An analysis of Bolsonaro's oratory performance in  
electoral propaganda*

*Carlos Piovezani*

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e Conselho Nacional de  
Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

## Resumen

*El artículo examina algunos aspectos del habla pública de Jair Bolsonaro producido en la última elección presidencial en Brasil, ocurrida en octubre de 2018. Basado en el análisis del discurso y en contribuciones de los estudios retóricos y prosódicos, este examen de las formas y recursos lingüísticos, retóricos y discursivos de su el discurso público intenta demostrar que una de las características sobresalientes de la practica oratoria del candidato fue la producción de los siguientes efectos de los sentidos: los de apertura y de interacción y los de vehemencia y antagonismo. El análisis también busca probar que el candidato utiliza un funcionamiento particular del esquema argumentativo: docere, delectare y movere. Para demostrar esto, este estudio analiza dos pronunciamientos de Bolsonaro, realizados en el primer y en último programa del Horario Gratuito de Propaganda Electoral (HGPE).*

**Palabras-clave:** analise del discurso; fala pública; efectos de sentido.

## Abstract

*The article examines some aspects of Jair Bolsonaro's public speech produced in the last presidential election in Brazil, occured in October 2018. Based on discourse analysis and contributions from rhetoric and prosodic studies, this work of the linguistic, rhetorical and discursive forms and resources of his public speech tries to demonstrate that one of the outstanding features of the oratorical performance of the then candidate was the production of the following sense effects: those of openness and of interaction and those of vehemence and antagonism. The analysis also seeks to prove that the candidate uses a particular functioning of the argumentative scheme: docere, delectare and movere. In order to demonstrate this, this study analyzes two pronouncements of Bolsonaro, conducted in the first and in the last program of the Free Election Hours (HGPE).*

**Keywords:** discourse analysis; public speaking; sense effects.

## Introdução

Bolsonaro não falou muito durante sua campanha eleitoral. Nas ocasiões em que seu desempenho oratório tornou-se objeto de discussão, não raras vezes, se afirmou que o candidato pelo Partido Social Liberal (PSL) nas últimas eleições presidenciais no Brasil e atual presidente da República comete “erros de comunicação” e que sua dicção é “sofrível”. Nessas mesmas circunstâncias, com certa frequência, também se diz que ele não fala muito bem em público e que não domina a norma culta do português<sup>1</sup>. Já bem antes das eleições, seus partidários costumavam assegurar que ele fala as verdades que alguns não querem ouvir e que outros não têm coragem para dizer<sup>2</sup>.

Não deveria caber, prioritariamente, a uma abordagem discursiva das práticas de fala pública e do que se diz a seu respeito subscrever ou refutar as impressões dos que são considerados leigos ou os julgamentos dos que são tomados como especialistas. Seu objetivo deve ser, antes, o de responder à questão: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?”<sup>3</sup>, ou seja, deve ser o de identificar e interpretar os fatores da historicidade inscritos no próprio âmago do que foi dito e das formas de dizer. De maneira consoante e complementar, mas não idêntica, deve ser também o de analisar as formas empregadas, seja nos pronunciamentos públicos seja nos discursos que os avaliam, em suas relações com outras formas presentes e ausentes na constituição, na formulação e na circulação das coisas ditas e de seus modos de dizer.

Essas relações se estabelecem no interior de determinadas condições históricas e sociais de produção discursiva e a partir das posições às quais se filiam os sujeitos do discurso<sup>4</sup>. Assim, os sentidos das palavras, e de modo análogo os dos elementos prosódicos que as compõem, quando se atualizam na modalidade oral, e das expressões e enunciados, e de modo análogo os das modulações vocais que os materializam, não estão somente nas próprias formas dessas unidades, mas emergem, sobretudo, das construções nas quais se estabelecem entre elas relações de equivalência e de encadeamento, a partir de uma posição enunciativa: “as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam (...), ‘mudam de sentido’ ao passar de uma formação discursiva para outra” (PÊCHEUX, 2011, p. 73).

É fundamentalmente com base nesses postulados e nos procedimentos metodológicos da Análise do discurso, associados a contribuições da retórica e de estudos prosódicos, que este artigo examina aspectos da fala pública de Jair Bolsonaro produzida na última eleição presidencial do Brasil, ocorrida em

outubro de 2018. Mediante o exame das formas e recursos linguísticos, retóricos e discursivos de sua fala pública, buscamos demonstrar que um dos traços marcantes do desempenho oratório do então candidato era a produção dos seguintes efeitos de sentido: os de franqueza e de interação e os de veemência e de antagonismo. Buscamos ainda indicar que o candidato se vale de um particular funcionamento do esquema argumentativo: *docere, delectare et movere*. Para demonstrá-lo, são analisados dois pronunciamentos de Bolsonaro realizados no primeiro e no último programa do Horário de Propaganda Eleitoral Gratuita (HGPE).

A análise dessa amostra da oratória do candidato do PSL, evidentemente, não se pretende exaustiva na identificação e na generalização do que seriam as características essenciais de sua fala pública. Por meio da descrição e da interpretação aqui realizadas, alcançamos uma série de resultados a propósito de vários dos expedientes empregados nessas suas duas intervenções eleitorais. Estas últimas, por sua vez, não devem ser isoladas da história que as abrange e as constitui: há uma história das ações e dos pensamentos da direita e da extrema-direita, há uma história das coisas ditas por seus protagonistas e partidários e de suas maneiras de dizer e há ainda uma história dos atos e das palavras de Jair Bolsonaro. Há, enfim e constitutivamente, um conjunto de práticas e de posturas de oposição ao liberalismo econômico e ao conservadorismo social.

Como é sabido, as participações de Bolsonaro em programas de tevê, sua presença constante em textos da imprensa e em *posts* e *memes* das redes sociais na internet e seus pronunciamentos na Câmara dos Deputados e nos que circulam, principalmente, via *WhatsApp*, *Facebook* e afins foram decisivos para a construção de sua celebridade midiática. Foi desse modo que Bolsonaro passou a “mitar” cada vez mais no campo político. Portanto, os pronunciamentos aqui examinados somente podem ser compreendidos nessas condições de produção e nas profundas relações entre a estética e a política. Nas práticas e nas interlocuções políticas, a “lógica da demonstração” das ações, dos conteúdos e dos argumentos é, ao mesmo tempo e inextrincavelmente, uma estética de sua manifestação<sup>5</sup>.

## As falas eleitorais de Bolsonaro

### O primeiro programa no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral

No dia 31 de agosto de 2018, se deu o início da exibição da propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão relativa às eleições a cargos do executivo e do legislativo ocorridas naquele ano. Sua exibição aconteceu em dois blocos diários distintos, o primeiro a partir das 13h e o segundo, das 20h30, de segunda a sexta-feira. O tempo de que dispõem os candidatos dos diversos partidos e coligações no HGPE correspondeu proporcionalmente ao número de representantes no Congresso Nacional. Particularmente, quanto ao que cabia aos candidatos à presidência da República, se procedeu do seguinte modo: do tempo total, 1 minuto e 15 segundos (10% do total) foi dividido igualmente entre todos os postulantes, enquanto os 90% do tempo restante foram divididos de acordo com a bancada eleita na Câmara. O programa de Bolsonaro dispunha, então, de 8 segundos do total de 12 minutos e 30 segundos do HGPE.

A estreia do candidato do PSL na propaganda eleitoral gratuita de televisão consistiu em um curto pronunciamento, composto de apenas duas frases. Em sua abertura, a imagem que surgiu na tela foi a seguinte:

(1)



Dados o exíguo tempo de tevê e à opção por uma estratégia eleitoral de difusão de mensagens via redes sociais, a assessoria de campanha dessa chapa

composta por Bolsonaro e pelo General Hamilton Mourão aproveita os cantos inferior à esquerda e superior à direita para impelir os eleitores ao emprego das chamadas novas tecnologias de comunicação e informação (TICs). Neste caso, o aplicativo para telefones móveis e afins e o site do candidato na internet. O uso dessas tecnologias e as formas da linguagem verbal que o acompanha já são tão habituais que fazem com que os verbos no imperativo “**Baix**e o aplicativo Voluntários da Pátria” e “**Acesse** agora jairbolsonaro17.com.br”, este último sucedido pelo advérbio “agora”, não somente sejam palatáveis, mas soem como absolutamente naturais.

Já a bastante breve fala de Bolsonaro poderia ser esquematicamente assim transcrita:

(2) Vamos caminhar: juntos:: em defesa da família::e da nossa pátria::: Rumo:: à vitória.

O início da intervenção é abrupto e o volume da voz é relativamente alto, de modo a produzir um efeito de ataque, cujo impacto se atenua com o sorriso que se realiza a partir de “em defesa” e que se estende até o final de sua intervenção. Já a cadência do breve pronunciamento é mais ou menos acelerada, porque o tempo da voz é um pouco mais veloz do que o adotado em falas distensas e em elocuições com voz modal. Quanto à distribuição dos padrões entoacionais, das sílabas tônicas salientes e das pausas, ocorre o seguinte: i) há uma segmentação que assim divide as duas orações: “Vamos caminhar juntos / em defesa / da família / e da nossa pátria. / Rumo / à vitória.”; ii) na primeira oração, há um tom suspensivo em nível alto em seu primeiro segmento, acompanhado de dois tons descendentes e igualmente produzidos em nível alto, em seus dois últimos segmentos; iii) na segunda oração, ocorre uma distribuição análoga, porque “Rumo” é atualizado em tom suspensivo de nível alto e seu complemento “à vitória” é realizado em tom descendente de mesmo nível; e iv) as pausas estão colocadas em consonância com essas distribuições de tons e das sílabas tônicas de cada sequência (**V**amos, **d**efesa, **f**amília, **p**átria, **R**umo, **v**itória), de modo a realçar a ação coletiva, o perigo pré-construído e a necessidade de proteção à família, o nacionalismo e o caminho do sucesso eleitoral.

Assim, são produzidas frases afirmativas, que carregam conjuntamente os efeitos de anúncio e injunção. Trata-se de afirmações enfáticas produzidas não somente pelos tons e níveis prosódicos, mas também pelo volume vocal e pela tensão articulatória. Esta última pode ser observada na rigidez da pronúncia da sílaba final de “caminhar”, com destaque para o “r” que marca o infinitivo, e no

relativo realce dos “s” finais em “Vamos” e “juntos”. Em uma fala distensa, as pronúncias, sem alto policiamento, em qualquer norma linguística, seriam “Vamo caminhá junto”. Ao se valer dessa pronúncia tensa e rígida, o político pode produzir uma imagem positiva entre seus interlocutores, que nela identificariam uma postura firme e um uso linguístico correspondente ao imaginário do que são as formas da chamada norma culta da língua. Seu inconveniente, em contrapartida, é o de um desempenho que se mostra não espontâneo e que, por isso, poderia ser considerado como uma fala que não é autêntica.

Em todo caso, nesse misto de anúncio e de injunção, ressaltam-se ênfase e drama, tensão e energia. Mas nem só desses elementos é constituída a pronúncia carregada de Bolsonaro. A fala enfática e dramática, tensa e enérgica é marcada por movimentos articulatórios vigorosos, alongamentos e saliências de variantes segmentais, qualidade de voz tensa e volume vocal elevado. Correspondem a essas configurações fônicas um “posicionamento do falante como autoridade”, uma “expressão de tensão” e um “posicionamento do falante como comunicador”. Essas configurações, por seu turno, contrastam com as conformações prosódicas da fala distensa, típicas do falante que se apresenta como “uma pessoa como qualquer outra”<sup>6</sup>. Nesse sentido, o padrão de fala adotado nessa estreia do candidato no HGPE contrariou uma tendência de seu marketing eleitoral, a saber, a de produzir a imagem de um homem do povo, de uma pessoa comum. Buscou-se atingir esse efeito, principalmente, com a difusão de cenas do que seriam ações privadas e hábitos cotidianos do candidato. Nelas, Bolsonaro aparecia lavando roupas e fazendo uma refeição em mesa e ambiente com objetos e composição bastante populares.

A performance oratória contrafeita e a difusão de cenas e imagens inverossimilhantes, que passam por simulação e despreparo e por estratégia populista, para parte dos que lhes assistiam, poderiam ser consideradas positivamente por outro conjunto dos eleitores, que as conceberiam como falta de traquejo com o artificial contexto de propaganda eleitoral e como exposição da vida ordinária de uma pessoa comum, que não tem nada a esconder. Assim como as unidades da língua, as formas simbólicas, de modo geral, são interpretadas mediante equivalências e encadeamentos que se processam a partir da posição ideológica, em que se inscreve o sujeito que opera a interpretação. Por isso, o mesmo desempenho oratório e as mesmas cenas e imagens produzem sentidos diversos e mesmo opostos. Os processos de uso e de interpretação das propriedades e das modulações vocais de uma fala compreendem igualmente essas equivalências e encadeamentos, constituídos no

interior de posições sociais assumidas pelos sujeitos que produzem e interpretam os enunciados, em que se materializam os discursos. Sempre com base nessa concepção discursiva do que se fala e do que se ouve em sociedade, voltemos ao exame de algumas outras características do primeiro pronunciamento de Bolsonaro no HGPE.

O conjunto de propriedades prosódicas de uma intervenção remete aos atos de fala, aos modos oracionais, às modalidades deônticas e epistêmicas e às atitudes do falante, este último aqui concebido como um sujeito social, que se encontra em meio a um complexo jogo de relações de força entre as classes e os grupos de uma sociedade, nos quais esse sujeito se insere e/ou com os quais ele se identifica. É desse jogo que dependem os seguintes processos e correspondências: os atos de fala podem ser pedidos, ordens, sugestões etc., ao passo que os modos correspondem a orações declarativas, interrogativas, exclamativas etc., e que as modalidades indicam possibilidade, certeza, validade, relevância etc. Suas combinações são determinadas por ideologias concorrentes em uma sociedade e conformam-se em atitudes do locutor que podem ser as de polidez, indiferença, indignação, entre outras<sup>7</sup>. Conforme foi dito, essa breve fala de Bolsonaro conjuga anúncio e injunção. Para a execução desses atos de fala, o candidato se vale de uma oração declarativa categórica e vigorosa e de uma oração exclamativa entusiasmada. A modalidade dos enunciados combina os efeitos de alta relevância e de absoluta certeza.

Os eventuais excessos indesejáveis, que poderiam derivar dessa carga pesada, formada de elevadas doses de convicção e de energia, de veemência e de auto-atribuição de importância, são atenuados, principalmente, pela expressão facial sorridente, acompanhada por leve movimento corporal e pelas gesticulações mais ou menos discretas de seu braço e mão direita. Além disso, a opção por uma enunciação em primeira pessoa do plural (“Vamos”), o emprego do adjetivo com função adverbial (“juntos”) e o considerável consenso social positivo quanto à “família” e à “pátria” concorrem para reduzir os riscos à face do candidato.

Sem dúvida, o tempo de que dispunha Bolsonaro era bastante reduzido. Talvez essa pudesse ser a escusa para que em sua fala a exposição de propostas de políticas públicas e a elaboração e consistência argumentativa fossem substituídas pelos efeitos de congregação e de interação entre candidato e eleitores, no uso inclusivo da primeira pessoa do plural (“Vamos”), do adjetivo com função adverbial (“juntos”) e do pronome possessivo de primeira pessoa do plural (“nossa”), que reforça essa congregação na ação coletiva de “caminhar”, e pela produção das evidências do que são “a família” e a “nossa

pátria”, entidades precedidas por determinantes definidos. Ambas precisam ser defendidas de valores, processos e agentes que, por serem de tal modo bem conhecidos, dispensam apresentação. A congregação é ainda reforçada pela articulação entre essa caminha coletiva e seu ponto de chegada: “Rumo à vitória”.

Além disso, conforme dissemos, se pode observar no desempenho de Bolsonaro uma relativa falta de traquejo para mais bem dissimular a leitura que faz do texto escrito no *teleprompter*. Há, ainda, certo excesso protocolar na seguinte combinação: a relativa falta de fluência e espontaneidade de sua fala, a opção do candidato em ficar de pé, em uma postura bastante ereta, e em se posicionar frontalmente diante da câmera, o uso do terno e gravata e, por vezes, a demasiada inclinação de sua cabeça para trás. Tudo isso estava, evidentemente, ainda somado às escolhas lexicais, às modalidades enunciativas e aos elementos prosódicos, tal como foram materializados nas duas frases de sua curtíssima fala em seu primeiro programa eleitoral. Apesar desses empecilhos, já é possível notar alguns efeitos particularmente presentes nesse seu pronunciamento e ainda vislumbrar outros que seriam produzidos em falas eleitorais posteriores: sobretudo, os de veemência, antagonismo e interação. Também é notória a opção pela tentativa de comoção dos telespectadores, mediante um apelo ético e patético, cujos fins são não somente a adesão a uma posição ou seu reforço e a oposição a um adversário<sup>8</sup>, mas também a exortação de ânimo à ação, em um modo particular funcionamento do esquema *docere, delectare et movere*, no qual o primeiro quase desaparece, em benefício do destaque depositado nos dois últimos.

### **O último programa no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral**

Exceto aos domingos, entre os dias 12 e 26 de outubro de 2018, ocorreu a veiculação dos programas eleitorais no HGPE no segundo turno daquelas eleições presidenciais. No dia 26 de outubro daquele ano, era, portanto, transmitido o último programa da propaganda eleitoral gratuita de Bolsonaro, assim como fora também o dia de exibição do último programa de seu adversário, Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT). Desta vez, Bolsonaro, que já havia ficado na primeira colocação na disputa ocorrida no primeiro turno, liderava as pesquisas e não mais estava em desvantagem na distribuição do tempo concedido às diversas candidaturas. No segundo turno, essa distribuição é refeita e o tempo é igualmente dividido entre os dois candidatos. Os programas eleitorais eram exibidos no HGPE em dois blocos

diários: o primeiro a partir das 13h e o segundo, das 20h30. Cada um dos candidatos contava com 5 minutos em cada um desses blocos diários para a transmissão de seu programa.

A última propaganda eleitoral de Bolsonaro se inicia com uma sequência relativamente longa (de aproximadamente 2 minutos), na qual se combinam a locução em voz *off* de um texto que, durante toda sua extensão, detrata exclusivamente o PT e seus integrantes, em particular, o ex-presidente Lula e o então candidato à presidência, Fernando Haddad. Esse plano verbal e sonoro é acompanhado, no plano visual, de uma série de imagens compostas de ícones de revistas, jornais e portais de notícias da mídia tradicional brasileira, tais como *Veja*, *Isto é*, *Uol notícias*, *O Globo*, entre outros, e do que são apresentadas como manchetes de suas reportagens que denunciam supostas irregularidades e escândalos do PT. O tempo da voz na locução é consideravelmente lento, o timbre vocal, bastante grave, e as pausas, mais ou menos longas. Além disso, há destaques produzidos em passagens que combinam uma seleção lexical excessiva, que não se compromete com a verdade factual, e uma colocação da sílaba tônica saliente justamente nas palavras que produzem notoriamente esse excesso: “O PT ficou 13 anos no poder e **quebrou** o país. Deixaram **milhões** de desempregados, o maior índice de criminalidade da **história** e os maiores escândalos de corrupção do  **mundo**”.

Antes do exame do pronunciamento de Bolsonaro, realizado nesse seu último programa eleitoral do HGPE, transcrevemos abaixo a íntegra dessa sequência que precede a intervenção do candidato:

(3) O PT ficou 13 anos no poder e quebrou o país. Deixaram milhões de desempregados, o maior índice de criminalidade da história e os maiores escândalos de corrupção do mundo: o Mensalão e o Petrolão.

O PT mentiu para se manter no poder e ainda inventou o Temer. E, juntos, fizeram um estrago sem precedentes. Agora, o PT quer voltar, pra fazer uma nova Constituição, igual à da Venezuela, de Maduro e Chávez, censurar a imprensa, soltar presos e enterrar a Lava-Jato.

O PT desafia o Judiciário. Eles querem soltar o presidiário e não sair mais do poder.

Haddad, o pior prefeito do Brasil, não conseguiu se reeleger e responde a mais de 30 processos na Justiça. Haddad recebe ordens de um presidiário. O Brasil não pode ser comandado de dentro da cadeia. O Brasil já viu muito do que o PT é capaz e ainda exige respostas. Quem matou Celso Daniel? (...) <sup>9</sup>

Chegou a hora. Agora, é o Brasil contra a corrupção, a violência e a intolerância. Agora, é o Brasil contra o PT.

Começa agora o programa do presidente livre e independente.

Bolsonaro 17.

A breve passagem que se estende de “Chegou a hora (...)” até “(...) a violência e a intolerância” é pronunciada sempre em voz *off* pelo mesmo locutor, com padrões vocais e com elementos prosódicos praticamente idênticos aos empregados na sequência anterior. Se lhes acrescentam alongamentos nas durações das sílabas em destaques destas palavras: **corrupção**, **violência** e **intolerância**. No plano visual, essa passagem é composta por quadros, que vão se sobrepondo e se sucedendo, com as imagens da ex-presidenta Dilma Rousseff, à esquerda, e o ex-presidente Lula, à direita, da tela, no primeiro; do candidato Haddad, no segundo; e do presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, à esquerda, e do ex-presidente venezuelano, Hugo Chávez, à direita, no último. A coloração dessas imagens mescla o preto e o vermelho escuro. Às névoas e sombras que compõem as formas das imagens desses personagens da história brasileira e venezuelana se soma a locução igualmente grave, lenta e sombria, que materializa esta depurada fórmula do antagonismo: “Agora, é o Brasil contra o PT”.

Há um flagrante contraste entre essa passagem e a sequência que se inicia logo depois: “Começa agora o programa do presidente livre e independente. / Bolsonaro 17”. A ambiência cromática rubro-negra esfumada, que sugeria algo diabólico, é substituída pelas formas e cores da bandeira brasileira, que ocupa toda a extensão da tela e, em seguida, pela imagem de manifestantes pró Bolsonaro, que também portam, muitos deles, bandeiras do Brasil em suas mãos. Entre tais manifestantes, que se encontram em um espaço que parece ser a Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, se destaca, em primeiro plano, uma grande bandeira brasileira que tremula. No mesmo sentido desse contraste, segue a dimensão sonora desse trecho. O mesmo locutor se vale agora de outros recursos vocais: o andamento de sua voz se acelera, seu volume aumenta ligeiramente e seu timbre recebe um aspecto entusiasmado, em detrimento da gravidade que o caracterizava até então. Também faz parte dessa paisagem sonora entusiasmada o canto entoado pelos partidários do candidato do PSL.

Em seguida, são exibidas, em um primeiro quadro, a inscrição central e em letras verdes, de grande tamanho, sob o fundo amarelo, que preenche toda tela, “O nosso partido é o Brasil”, e, em um segundo, a imagem de Bolsonaro carregado por militantes, em sua passeata na cidade de Juiz de Fora (MG), antes de sofrer o atentado à faca. O plano sonoro é composto pelo mesmo canto entoado na passagem anterior. Já esta última imagem é sucedida pela legenda “PRESIDENTE BOLSONARO 17”, em letras de grande dimensão, em caixa alta, nas cores verde, azul e amarelo, abaixo da qual, em letras menores, à direita, se vê, em azul, a seguinte inscrição: “vice General MOURÃO”. Com o

mesmo entusiasmo vocal, o locutor diz: “Bolsonaro 17”. Desse trecho, decorre o início do pronunciamento do candidato. Tal como se pode observar na imagem abaixo reproduzida, Bolsonaro, diferentemente de sua apresentação em seu primeiro programa eleitoral, se encontra sentado e não usa gravata. Ainda não consegue eliminar totalmente a impressão de que lê o que está dizendo em um *teleprompter*, mas já o faz de modo menos perceptível.

(4)



Transcrevemos abaixo a íntegra do pronunciamento eleitoral de Bolsonaro, realizado nesse seu último programa do HGPE, para que possamos, em seguida, descrever o restante desse programa e, finalmente, proceder à análise da fala do candidato.

Há quatro anos, eu decidi disputar a Presidência da República.

Num primeiro momento, eu confesso, era difícil, até para mim, aquela situação. Como vencer um sistema? Como vencer uma máquina tão aferrada no terreno, como é essa máquina que existe em Brasília? Políticos poderosos. Sabia que não teria um grande ou médio partido ao meu lado, não teria tempo de televisão, não teria fundo partidário, não teria nada.

Mas, eu tinha algo dentro de mim: nós temos que fazer algo diferente.

Como cristão, eu adotei uma passagem bíblica, João (VIII, 32): “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. E mantive essa bandeira em pé. Comecei a andar por todo o Brasil. Começamos a detectar problemas. E como resolvê-los, sem dinheiro? Porque sabemos das dificuldades, depois das passagens desses últimos governos, que mergulharam o Brasil na mais profunda crise ética, moral e econômica.

Mas, a fé, a vontade e a persistência se fez presente. Eu digo que o milagre é eu estar vivo, depois daquele episódio em Juiz de Fora. Que eu considero Juiz de Fora a minha segunda cidade natal. Lá, eu nasci de novo. Salvaram a minha vida. Logicamente, a mão de Deus se fez presente.

Hoje, nós temos uma possibilidade concreta, real, de ganharmos as eleições no próximo domingo. O que precisamos para tal? É nos mantermos unidos. Combater as mentiras.

Meus irmãos, meus amigos, o momento é de união. Se essa for a vontade de Deus, eu estarei pronto para cumprir essa missão.

Ninguém faz nada sozinho.

Com uma equipe boa ao meu lado, com pessoas maravilhosas, que são vocês, nós temos como fazer um Brasil melhor para todos.

Estou aqui nessa missão, porque acredito em você, brasileiro. E você está aí nos assistindo, porque acredita no Brasil.

Faremos um governo para todos.

Meu muito obrigado mais uma vez. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos.

O programa segue até o seu encerramento com um clipe de campanha e o que se assemelha a uma advertência da apresentadora do programa do candidato. Em seu plano sonoro, o clipe é inicialmente composto por uma canção entoada por alguém cujas qualidades vocais permitem saber que se trata de um homem, adulto, oriundo de alguma região do Nordeste brasileiro. Sob a forma de uma balada lenta, nela se repete o slogan da campanha: “Brasil acima de tudo, e Deus acima de todos”. Em seguida, o andamento da canção se acelera, de modo a torná-la leve e entusiasmada. Em seus versos, oscilam as vozes do cantor nordestino e de um animado coro: “O gaúcho é Bolsonaro. / E o baiano e o paulista? / É Bolsonaro. / E a minha Paraíba? / É Bolsonaro. / E o carioca, gente? / É Bolsonaro. / E o mineiro e o potiguar? / É Bolsonaro. / Acreano e amazonense? / É Bolsonaro. / Azul, branco, amarelo e verde é a nossa bandeira. / Com fé na força do povo, / ela jamais será vermelha!”. A canção é encerrada com uma sonorização e um grito de “Brasil!” bastante conhecidos, tal como acontece em comemorações de gols da seleção brasileira de futebol, em transmissões da rede Globo de televisão. Ao longo da execução da canção, uma série de imagens de Bolsonaro em campanha é exibida: o candidato é visto em passeatas, carreatas, palanques e ladeado por partidários e populares.

Em sua última passagem, ocorre a advertência da apresentadora. Uma vez que o programa de Haddad seria exibido logo depois do encerramento do de Bolsonaro, que o clima da campanha era bastante acirrado e que havia várias denúncias das estratégias eleitorais empregadas pelos partidários do candidato do PSL, a intervenção da apresentadora busca forjar o regime de escuta que seria dedicado à propaganda eleitoral da coligação liderada pelo PT, mas também a outras falas que se opusessem a seu candidato, na reta final da

disputa eleitoral. A apresentadora é uma mulher jovem, que aparenta ter entre 30 e 40 anos de idade. Ela é focalizada em plano americano e sua aparência é sóbria: veste camisa branca; em sua maquiagem discreta, somente a cor do batom em seus lábios e da sombra em seus olhos é que se destacam um pouco; seu cabelo está solto, mas penteado, de modo a lhe dar um aspecto escorrido. Com ar grave em sua expressão facial, que se estende igualmente para sua voz, ela diz: “Atenção! Nas próximas horas, os adversários de Bolsonaro vão tentar de tudo para enganar você. O PT mentiu durante 13 anos. Fique agora com os últimos cinco minutos de mentiras do PT”.

Quanto à fala de Bolsonaro nesse último programa eleitoral, o que se destaca, inicialmente, é o contraste entre o efeito de ataque, identificado na abertura de seu breve pronunciamento no HGPE do dia 31 de agosto de 2018, e a amenidade, que marca o início dessa intervenção ocorrida no dia 26 de outubro do mesmo ano. Ao invés de um princípio abrupto, com um alto volume de voz, com uma tessitura também em nível alto e uma aceleração na dinâmica de fala, o candidato se vale, desta vez, de propriedades prosódicas típicas de uma elocução em voz modal e de elementos e modulações vocais que caracterizam uma fala relativamente distensa. Precedida e acompanhada de uma música instrumental de fundo bastante suave e delicada, a primeira sequência da primeira frase (“Há quatro anos”) se materializa em volume e tessitura baixos, em um tempo de voz desacelerado e em um tom suspensivo e se encerra com uma pausa relativamente extensa. Assim como na primeira, na segunda oração, há uma relativa distensão do aparelho fonador, ainda que o “r” do infinitivo do verbo “disputar” continue a ser pronunciado de modo saliente. O tom descendente dessa segunda oração, sua modalidade enunciativa e suas escolhas lexicais produzem uma afirmação declarativa, que configura um relato pessoal tranquilo, ameno e espontâneo.

O relato pessoal ganha contornos de confissão já no segundo enunciado de Bolsonaro: “Num primeiro momento, eu confesso, era difícil, até para mim, aquela situação”. A afirmação, digamos, objetiva, da dificuldade de um estado de coisas, visto que o enunciado poderia ser “Num primeiro momento, era difícil aquela situação”, é atravessada pelos traços subjetivos das duas modalizações autonímicas<sup>10</sup>, a confissão (“eu confesso”) e a reintrodução manifesta do próprio enunciador na enunciação de seu enunciado (“até para mim”). Com efeito, na produção oral da fala, normalmente, esses adendos se configuram como rupturas na formulação discursiva e metacomentários sobre a coisa dita, que modificam tanto o que se diz quanto os modos de dizer. Sob a forma de inserções sintáticas, essas avaliações metalinguísticas são marcadas

pelo léxico, pela gramática e pela prosódia. No caso que analisamos, além dos pronomes “eu” e “mim”, do verbo “confessar” e da locução adverbial “até para”, concorrem para a identificação dessas modalizações alguns elementos prosódicos: particularmente, mudanças da tessitura vocal e do tempo da voz e colocação de pausas na dinâmica da fala. Em performances oratórias mais espontâneas e/ou mais bem-feitas, há uma harmônica consonância entre essas três dimensões prosódicas na produção dessas inserções. Na declaração de Bolsonaro, em contrapartida, ocorre uma discreta e quase insuficiente modificação, para baixo em “eu confesso” e para cima em “até para mim”, de tessitura e uma relativa manutenção da velocidade da fala nessas duas sequências, de modo que seu funcionamento acaba por recair quase exclusivamente nas palavras empregadas e nas pausas colocadas pelo locutor: “Num primeiro momento::: eu confesso:: era difícil:: até para mim:: aquela situação”.

Além de serem coisas ditas sobre o que se diz, essas inserções produzem certos efeitos de sentido e projetam uma dada imagem do candidato. Em princípio, por um lado, a confissão carregaria a inconveniência de um erro cometido, mas, por outro, traria também e sobretudo a vantagem de seus reconhecimento e admissão e o benefício do engajamento de outrem de conceder ao confessor um julgamento positivo, em face de sua corajosa atitude de contrição. O exame da declaração de Bolsonaro indica que nela não há nem mesmo aquela inconveniência. Ao contrário, o que ocorre é uma soma de valores agregados ao “confessor”, uma vez que seu primeiro comentário autonímico o beneficia com as virtudes da sabedoria e da prudência de quem enxerga as dificuldades de uma situação e reage judiciosamente à sua problemática condição. A tais virtudes se agregam ainda a da coragem de quem não foge ao seu enfrentamento e a da humildade de mostrar-se comedido em sua resolução.

Já a expressão “até para mim” intercala o enunciado, lhe produzindo o efeito de uma surpreendente inclusão do enunciador em um grupo do qual, em princípio, ele não faria parte. Contrapondo-se às virtudes da prudência e da humildade do “eu confesso”, aqui se produz uma imagem superestimada de si: o nível de dificuldade da situação é tamanho que, mesmo o sujeito em questão, uma pessoa dotada, em tese, de capacidades distintas, teria de admitir que encontraria percalços para resolver seus problemas. Novamente, aqui, os excessos indesejáveis dessa superestimação seriam mais ou menos contornados pelo que a precede, pelo que a caracteriza e pelo que a sucede. Os valores eufóricos da confissão já haviam sido postos, enquanto os disfóricos poderiam

ainda ser mais atenuados pela relativa aceleração no andamento da sequência, que lhe poderia render maior discrição. Contudo, essa discreta aceleração fora contraposta a uma elevação no volume da voz e a um gesto rápido e egocêntrico das mãos do candidato, que se movem concentricamente em sua própria direção. Nem por isso a superestimação seria apresentada como a única coisa ali superdimensionada, porque a passagem seguinte do programa indicaria as razões para que a situação fosse considerada como algo de enormes dificuldades.

Para fazê-lo, depois de um exórdio que busca captar a atenção e a benevolência do auditório e lançar as “sementes” do discurso<sup>11</sup>, mediante o anúncio de uma decisão e a confissão do embaraço que decorria da dificuldade a ser enfrentada, o candidato encadeia duas interrogações e uma afirmação, que funciona como uma extensão das primeiras: “Como vencer um sistema? Como vencer uma máquina tão aferrada no terreno, como é essa máquina que existe em Brasília? Políticos poderosos”. Nesse início de suas proposições, além dos tons ascendentes para produzir as frases interrogativas, o candidato faz pausas alongadas não somente entre cada uma delas, mas também entre seus segmentos, tal como entre “Como vencer uma máquina::: tão aferrada no terreno:: como é essa máquina que existe em Brasília?”. Assim, busca reforçar a carga dramática do que diz e de sua maneira de dizer. Em suma, a dificuldade consistiria em enfrentar algo que concilia organização sistêmica e funcionamento otimizado, enraizamento sólido e concentração de poder, dispondo de bem pouca coisa ou ainda menos do que isso: “não teria nada”<sup>12</sup>. Esta última sequência “não teria fundo partidário, não teria nada” conjuga um tom intermediário e suspensivo, em sua primeira parte, com um descendente, na segunda. Essa queda do tom, uma ligeira aceleração e uma discreta baixa na tessitura desta segunda parte concorrem para a produção de um quadro absolutamente adverso, ante o qual o sujeito seria levado a desistir de qualquer enfrentamento.

Eis o ensejo para a emergência de um mito ou, ao menos, de um sujeito dotado de carisma<sup>13</sup>. A emergência mais pontual desse sujeito carismático não se dá de modo incólume. Ela é, antes, marcada por uma série de traços que o distinguem e que assinalam uma diferença em sua própria intervenção. Isto porque há um ponto de transição prosódica, sintática e semântica, a saber, a conjunção “Mas”. Ela é pronunciada com elevação no volume de voz, com uma desaceleração do andamento da fala e é seguida de uma pausa um pouco mais longa do que seriam as habituais. Conjuntamente com essa alteração fonética e com a oposição semântica dessa conjunção, ocorre uma considerável

modificação no plano visual: o candidato, que até então era focalizado frontalmente em plano americano, passa a ser focado em um grande *close-up*, mediante o qual a câmera se concentra somente em seu rosto, e a projetar um olhar orientado para sua direita, sem encarar diretamente a objetiva.

O efeito é o de um depoimento sincero e espontâneo, ao qual, desta feita, o telespectador assiste como uma testemunha privilegiada. Por seu intermédio, se revela “algo dentro de mim”. Além da indicação lexical de que se mostram naquela fala as ideias e os sentimentos que se encontram no interior do sujeito, a expressão fisionômica, marcada por um lento fechamento dos olhos, por cerramento e compressão dos lábios, e a conformação prosódica também contribuem com a construção do que seria essa revelação, a despeito da limitação nos usos de seus recursos. Trata-se ali da projeção vocal de um discurso direto, que simula o diálogo interior que teria tido o sujeito consigo mesmo. Nada poderia ser mais franco e autêntico do que um diálogo dessa natureza. A configuração fonética desse discurso direto é a seguinte: a sequência “nós temos que fazer algo diferente” é precedida de uma pausa mais ou menos longa que lhe dá ensejo, seu tempo é desacelerado, sua tessitura sofre um pequeno abaixamento, os movimentos dos articuladores são um pouco menos vigorosos, ainda que as variantes segmentais permaneçam relativamente salientes, em “Nós”, “temos” e “fazer”, e uma pequena pausa que mais bem separa e destaca o objeto da oração “algo diferente”.

A existência do “sistema”, da “máquina” e de “políticos poderosos” gera a tomada de uma decisão, que se formula em modalidade deôntica, ou seja, é imperativo que algo diferente deva ser feito, e em uma forma de enunciação que insere o enunciador em uma coletividade com a qual compartilha a constatação desse estado de coisas e a crença na necessidade de sua alteração. O depoimento, particularmente, em sua parte de diálogo interior, é, portanto, o anúncio de um dever, mas é também uma resolução. No discurso político, campo tomado pelo imaginário de que seus agentes tendem a mentir frequentemente, se produz não raras vezes uma série de falas que pretendem não se mostrar como coisas ditas. Ou, ao menos, que não pretendem se mostrar como as coisas que seriam somente ditas e não feitas<sup>14</sup>. O candidato diz, então, que é preciso “fazer”, e não apenas dizer, “algo diferente”. A consciência de um dever conduz à tomada de uma decisão, que já é uma declaração de ação iminente. Mas, o estado volitivo não é acompanhado de um afeto agressivo, pois o que diz e as formas de dizer de Bolsonaro, ao invés de produzirem indignação e ira, produzem a imagem daquele que tem a serenidade de quem

sabe o que deve ser feito e que o fará, apesar das dificuldades, uma vez que se encontra em boa companhia, conforme a sequência de seu pronunciamento.

Bolsonaro estabelecerá equivalências e encadeamentos indiretos em sua fala entre “nós temos que fazer algo diferente” e “Ninguém faz nada sozinho”. Nesse caso, a primeira pessoa do plural não é apenas o tradicional funcionamento do “nós inclusivo”, que compreende o enunciador e os enunciatários. Sua ocorrência no interior de um diálogo interior, que se manifesta sob a forma de discurso direto, já lhe dá aspectos singulares. Mas, além disso, outra inclusão que se processa é a do candidato na comunidade dos cristãos. Não bastasse o ostensivo apoio de setores conservadores da igreja católica e de uma grande maioria das igrejas evangélicas à sua candidatura, Bolsonaro reitera em seu pronunciamento as marcas dessa pertença: “Como cristão, eu adotei uma passagem bíblica, João (VIII, 32): ‘E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará’”, “a fé”, “o milagre”, “a mão de Deus se fez presente”, “meus irmãos”, “a vontade de Deus”, “cumprir essa missão” e “Deus acima de todos”. Em meio a essas tantas referências religiosas, se reitera o esquema: descoberta de problemas, ciência das dificuldades e resolução de enfrentar estas últimas e de solucionar os primeiros.

É a alusão ao enfrentamento de dificuldades políticas, com “fé”, “vontade” e “persistência”, que dá a deixa para uma passagem especialmente dramática do pronunciamento: “Eu digo que o milagre é eu estar vivo, depois daquele episódio em Juiz de Fora. Que eu considero Juiz de Fora a minha segunda cidade natal. Lá, eu nasci de novo”. Ocorrem uma elevação no volume vocal desde o início da sequência e uma aceleração no andamento da fala, se comparados com os da passagem anterior, que se estendem até “vivo”. Nessa passagem, a fonação se torna mais tensa, a variante segmental “r” em “estar” é saliente e alongada, assim como também são salientes, e, igualmente, alongadas, as sílabas tônicas em “**d**igo”, “**mi**lagre” e “**vi**vo”, destacadas ainda pelas pausas que são postas na oração, dispondo suas partes do seguinte modo: “Eu digo: que o milagre:: é eu estar vido”. A partir daí, se processa uma nova conformação prosódica, uma vez que o trecho “depois daquele episódio em Juiz de Fora” é pronunciado de modo mais lento e com uma ligeira redução de volume da voz. Esses contornos prosódicos, combinados com a escolha lexical de “episódio” e de seu determinante “daquele”, concorrem para a produção de um efeito de certo distanciamento, tomado por um sujeito sereno, que, tendo Deus ao seu lado, não guarda rancor.

O encerramento dessa parte do pronunciamento é precedido por um comentário parentético, em que se reitera o local em que se deu o “episódio”.

Trata-se aí de um tipo de modalização autonímica, porque o comentário é uma fala a respeito de algo da própria fala, uma “informação” acrescentada sobre algo que acabara de ser dito, tal como se o sujeito desempenhasse, ao mesmo tempo, os papéis de falante e de mediador e intérprete de sua fala. Ele, então, mais menciona do que usa o topônimo “Juiz de Fora” ou, antes, dá menos um novo dado do que expressa uma relação afetiva com aquilo de que fala, enquanto formula seu enunciado, para mais bem constituir uma relação de empatia e apelar à compaixão de seus interlocutores. Além desse recurso enunciativo, o candidato se vale de expedientes prosódicos que vão nessa mesma direção: movimento firme dos articuladores, velocidade de fala baixa, tessitura um pouco elevada e relativa silabação na pronúncia das palavras, com acentos de insistência, acompanhados por gestos cada vez mais ritmados de sua mão direita, principalmente depois da breve pausa que segue o nome da cidade.

Uma longa pausa, gestos de insistência, desta vez, com o dedo indicador em riste, expressão fisionômica emocionada e movimento de garganta de quem engole a saliva, na manifestação do que seria uma tentativa de, estando bastante comovido, conter o choro, reforçam a já considerável carga dramática dessa parte do pronunciamento na frase “Lá::: eu nasci de novo”. Já as duas frases seguintes são ditas em meio àquela alteração de enfoque, que já havíamos observado a partir do uso da adversativa “Mas”, com que o candidato marcava o anúncio do dever “fazer algo diferente” que o impelia. Bolsonaro deixa de ser focalizado frontalmente em plano americano e passa a ser focado em um grande *close-up*, fechado sobre seu rosto. É nesse enquadramento que o candidato diz: “Salvaram minha vida. Logicamente, a mão de Deus se fez presente”. A acelerada velocidade de fala, o volume alto da voz e a igualmente manifesta ênfase com que é dita a primeira frase se distinguem do modo como se materializa a segunda. Esta é desacelerada em seu andamento, reduzida, em seu volume vocal, e relativamente segura, mas não enfática em sua tonalidade. A convicção na intervenção divina parece estar reservada à troca da energia contida na pronúncia de “Salvaram minha vida” pela tranquilidade da articulação de “a mão de Deus se fez presente”, e ao modo como o enunciador se relaciona com isso que enuncia, por intermédio da modalidade epistêmica da certeza construída pelo advérbio “Logicamente”.

Com vistas a encerrar essa análise, examinaremos especialmente os usos das formas de primeira e de segunda pessoa, tal como ocorrem na parte final do pronunciamento. É mediante o intercâmbio entre essas pessoas do discurso que ali se processa um dos efeitos fundamentais da peroração<sup>15</sup>: a comoção. De fato, o esquema argumentativo do encerramento da intervenção do candidato parece

seguir o eixo *docere, delectare e movere*, ou seja, fazer-saber, emocionar e fazer-agir. O primeiro componente desse esquema se concentra nestas quatro frases, que contêm cinco ocorrências da primeira pessoa do plural, a última delas, sob a forma de uma elipse: “Hoje, nós temos uma possibilidade concreta, real, de ganharmos as eleições no próximo domingo. O que precisamos para tal? É nos mantermos unidos. Combater as mentiras”. O efeito de inclusão do interlocutor em uma comunidade se dá conjuntamente com a declaração de que essa comunidade de que faz parte tem chance efetiva de uma iminente vitória eleitoral. Sua realização exige, contudo, algo que o eleitor partidário, incluído na comunidade quase já vitoriosa, ainda não saberia por completo.

A questão, também ela formulada em primeira pessoa do plural, reitera o efeito comunitário, mas também reconfigura a identidade de seus membros, uma vez que o candidato que a formula e que conhece sua resposta não se confunde com os eleitores que a ouvem e que ainda não sabem da solução que será proposta logo em seguida. Essa resposta estabelece uma equivalência e um encadeamento discursivos entre manutenção da união e combate a mentiras. Há aí vários pré-construídos: já se disse, já se sabe e não há dúvida da existência i) dos que compõem esse “nós”, ii) da união que há entre seus membros e iii) das calúnias de que são vítimas. Com base em sua evidência, o enunciador faz equivaler e encadeia a preservação da união e a luta contra as mentiras. Desse modo, como cabe à peroração de uma fala em público, o orador busca a boa disposição do ouvinte em seu favor e a disposição contrária a seu adversário. Para fazê-lo, se vale de uma fala enfática, dotada de movimentos articulatórios vigorosos, de acentos de insistência, tal como na pronúncia da palavra “real” e de alongamento e saliência das variantes segmentais. Essa fala é ainda marcada por discretas elevação do volume de voz e aceleração de seu andamento e por pausas que realçam alguns termos, tal como a que segue “mantermos”, para ressaltar “unidos”. Além disso, a última frase é pronunciada com a alteração no enfoque do candidato. Uma vez mais se repete o recurso do grande *close-up*, em que a câmera focaliza somente seu rosto. A aproximação da face tenta criar um efeito de proximidade entre os interlocutores e de franqueza de quem fala. O candidato se posiciona, portanto, no lugar de um sujeito que diz a verdade e que pode, por isso, mais bem impelir ao combate das mentiras.

Na passagem seguinte, a primeira pessoa do plural é substituída pela do singular, para mais bem interpelar os telespectadores, se referir à possibilidade de Bolsonaro o eleito de um anseio divino e manifestar a prontidão para o cumprimento do seu desígnio. Além dos efeitos de interação, de laço identitário, de proximidade e de afeição produzidos pelo “Meus irmãos, meus

amigos”, esse vocativo já enseja o campo lexical que ali se confecciona: “união”, “vontade de Deus” e “cumprir essa missão”. A oração condicional “Se essa for a vontade de Deus” parece estar menos a serviço da expressão de uma condição necessária, para que se realize o que se afirma na oração principal, do que do realce dado à crença religiosa e à submissão do sujeito que fala ao desejo divino. Em conjunto com a oração condicional, as propriedades prosódicas contribuem para que a referência à eleição de Deus não soe soberba. Enquanto a primeira frase foi materializada sob a forma de uma fala enfática, a segunda é mais comedida no plano fonético, porque pronunciada com uma baixa em sua tessitura e com uma perceptível aceleração em seu andamento. A submissão à “vontade de Deus” é ainda expressa por meio de um gesto bastante típico: a considerável inclinação da cabeça para trás e a projeção do olhar para o alto. Nessa passagem, em particular, o desempenho oratório de Bolsonaro fica comprometido, em função do caráter pouco espontâneo de que estão investidas as coisas ditas e seus modos de dizer.

Na sequência do afetuoso apelo ao telespectador e da deferente menção a Deus, se insere um lugar-comum da humildade: “Ninguém faz nada sozinho”. Talvez por se tratar de algo tomado como óbvio, sua pronúncia se processa com certa discrição, mediante uma aceleração da velocidade da fala, uma leve saliência e um ligeiro alongamento da sílaba tônica em “Ninguém”. Em sua realização, pela penúltima vez, se emprega o recurso do grande *close-up* sobre o rosto do candidato, no qual seu olhar se orienta para sua direita, sem encarar a objetiva. A humildade referida pelo candidato, sem comprometê-lo do mesmo modo, tal como o faria uma formulação em primeira pessoa (“Eu não vou fazer nada sozinho”), dá a ocasião para o anúncio da “equipe boa” que o acompanhará e para a produção de um processo de sedução, por meio da constituição de uma imagem positiva dos interlocutores. Além da companhia de uma boa equipe, Bolsonaro estará ainda na de “pessoas maravilhosas”. Mediante a escolha do adjetivo, não há somente uma tentativa de seduzir, mas também a de adular os eleitores, em um puro e emblemático *delectare*, criando um regime de fala que, em princípio, não se coadunaria com o debate público de assuntos políticos de uma sociedade. A primeira pessoa do plural, com que se encerra a oração, compreende o locutor, a equipe e os interlocutores. Investidos de suas virtudes, eles teriam competência para tornar o país “um Brasil melhor para todos”.

A proeminência pessoal, atenuada com um único pronome possessivo de primeira pessoa do singular, na oração anterior, ganha espaço na seguinte. Nesta última, o candidato se coloca em relevo e estabelece uma diferença de

papéis e uma identidade de afeto. Enquanto o final da oração principal precedente foi marcado pela desaceleração do andamento da fala e por uma queda de tessitura vocal, que contrastava, por sua vez, com a ênfase prosódica depositada em “pessoas maravilhosas:: que **são vocês**”, constituída, como se vê, pelas sílabas salientes e pela pausa que separa os dois segmentos e destaca a interação afetuosos entre locutor e interlocutores e a condição extraordinária destes últimos, o início desta que ora analisamos se caracteriza como uma fala enfática. Nela, há identidade em uma crença quase recíproca: o candidato acredita no eleitor e este último “acredita no Brasil”, ou seja, confiaria no sujeito que dispõe de boa equipe, que o seduz ao lhe imputar qualidades admiráveis e que já anunciou seu potencial para a melhora do país.

Afeto mais ou menos compartilhado e papéis distintos, senão, opostos: a um cabe “aqui” o cumprimento de uma missão, ao outro, “aí”, a assistência, mais testemunho do que ajuda. À simultaneidade simulada entre a fala e a escuta se contrapõem os lugares ocupados e as funções a serem desempenhadas em cada um dos lados. Assim, o que poderia ser a inclusão dos interlocutores na promessa em primeira pessoa do plural, “Faremos um governo para todos”, parece já, em boa medida, desdita pelas oposições anteriores. Como se poderia esperar, a declaração desse compromisso se materializa em uma fala enfática, composta pelo efeito de certeza do futuro do presente na desinência verbal e por recursos prosódicos e modulações vocais já mencionados em nossa análise. Ali, no agradecimento e na elocução de seu slogan de campanha, a busca por emocionar e por mover o ânimo dos ouvintes se vale menos do brilho e do entusiasmo, prescritos pela retórica, quando trata da peroração, do que de uma energia, entre firme e anódina, no modo de fala.

### **Considerações finais**

Bolsonaro falou pouco durante sua bem-sucedida campanha eleitoral. Dos 14 debates eleitorais televisivos que estavam previstos, o candidato do PSL participou de apenas 2<sup>16</sup>. A discrição, o laconismo e os silêncios não lhe eram comuns antes das eleições presidenciais de que saiu vitorioso. Em princípio, sua opção pelas antípodas da verbosidade, que frequentemente o caracterizou, poderia surpreender. Com mais forte razão, deveria surpreender que um sucesso eleitoral decorresse em boa medida de uma renúncia do direito de ocupar as tribunas e de participar dos debates. Diante dessa situação atípica e desse seu espantoso resultado, não poderíamos nos furtar a formular e a tentar responder a

questões como as seguintes: o que foi dito pelo candidato do PSL em seus relativamente raros pronunciamentos eleitorais? Quais foram os modos de dizer as coisas ditas nessas suas intervenções? Por quais razões se deu a escolha por falar bem menos do que se poderia, em um campo amplamente constituído pela expressão pública, sobretudo, quando se trata de contexto eleitoral?

A partir da análise que empreendemos aqui, podemos formular direta e indiretamente algumas respostas a essas questões. Bolsonaro falou de Deus e de si como eleito divino, da pátria e da família, das dificuldades a serem enfrentadas e de sua resolução para fazê-lo, da união dos seus e das mentiras dos adversários, da “mais profunda crise ética, moral e econômica” deixada pelo PT e de sua “fé”, de sua “vontade” e de sua “persistência” para enfrentá-la e para “fazer um Brasil melhor para todos”. A identificação do que foi dito pelo candidato praticamente prescindiria de um exame mais rigoroso. Ainda assim, não deixa de ser alarmante o fato de não haver sequer uma única discussão ou proposta de política pública. Já a compreensão dos recursos prosódicos, linguísticos, retóricos e discursivos empregados em seus desempenhos oratórios eleitorais e dos efeitos de sentido que emergiram desses empregos exigiu uma série de descrições e interpretações.

Por seu intermédio, é possível afirmar que Bolsonaro se valeu, principalmente, de uma fala enfática, constituída de movimentos articulatórios vigorosos, alongamentos e saliências de variantes segmentais, qualidade de voz tensa e volume vocal relativamente elevado. Isso não significa que não tenha havido variações. Vimos, por exemplo, que o depoimento pessoal, acompanhado de confissão, com o qual o candidato inicia seu pronunciamento no último programa eleitoral do segundo turno, se caracteriza como uma fala mais ou menos distensa, composta por uma elocução em voz modal e pelos elementos prosódicos, que lhe são típicos. A fala enfática corresponde a um posicionamento do sujeito como alguém investido de autoridade, a um compromisso com as causas defendidas e a uma tensão na expressão. Esta última pode significar, para uns, a condição contrafeita do pronunciamento, ao passo em que pode ser considerada, por outros, como falta de traquejo com a parafernália da propaganda eleitoral e com a fala protocolar e não espontânea.

Em todo caso, não se pode negar a dificuldade de Bolsonaro em responder a essa dupla injunção: a necessidade de demonstrar sua firmeza, sua autoridade e sua condição de abençoado por Deus e a de se expor como uma pessoa qualquer, como um homem do povo. Identificamos, ao menos, dois meios utilizados pelo candidato para tentar obter um equilíbrio entre essas duas imposições. Um deles consiste no emprego de um mecanismo que oscila entre a

carga e a atenuação: ao peso das elevadas doses de convicção e veemência se soma a leveza de uma expressão facial sorridente; aos excessos da superestimação de si (“até para mim”) se soma uma confissão e um quadro de enormes dificuldades. O outro, que talvez seja, antes, um desdobramento do primeiro, corresponde a carregar no ataque dos adversários, a relevar os próprios dramas e as vicissitudes sofridas, a integrar os telespectadores em uma comunidade e a seduzi-los, lhes imputando qualidades admiráveis e os interpelando de modo familiar e afetivo. Ora em passagens específicas ora em sobreposições dos pronunciamentos, se destaca o esquema argumentativo: *docere, delectare et movere*, ou seja, fazer-saber, seduzir e emocionar para fazer-agir. Na busca por seu bom funcionamento, se produzem, principalmente, os efeitos de franqueza e de interação e os de veemência e de antagonismo.

Feita a análise, nos é possível mais bem depreender boa parte das coisas ditas por Bolsonaro em suas intervenções eleitorais e dos seus modos de dizê-las. Resta, todavia, a inquietação sobre as razões do distanciamento dos palanques e dos embates durante a disputa das eleições. Por que Bolsonaro falou tão pouco? Ante esta inquietação, se não podemos responder com demonstrações precisas, nos é permitido avançar na compreensão desse fenômeno, considerando alguns fatos. O candidato do PSL falou pouco, em boa medida porque “fala outra língua”, a língua das TICs, cujas falas circulam por vias e canais específicos e que se caracterizam por romper “com as referências normativas estabelecidas, introduzindo algumas transformações centrais em nossa vida: ofuscam a distinção entre realidade e virtualidade, invertem a lógica da escassez da informação para a da abundância e, sobretudo, promovem a passagem de um mundo em que a primazia é dada às entidades para outro, em que predominam as interações”<sup>17</sup>. Falou pouco, porque ele já havia dito coisas e, pelas coisas ditas, já havia sido alçado a uma espécie de celebridade política e midiática, por programas televisivos e por redes sociais na internet. Bolsonaro já havia se projetado pelas coisas que dizia, pelos seus modos de dizer e pelas formas de circulação do que disse. Por esse meio, ele já havia ostentado sua filiação a uma ideologia conservadora nos costumes e liberal na economia, tal como apreciam repetir seus partidários, e dava vazão a ideias, práticas e sentidos odiosos, que haviam sido recalçados, sem um devido tratamento. Assim, tais ideias, práticas e sentidos recrudesceram diante de algumas poucas conquistas sociais e uns bons passos no avanço dos comportamentos, e encontraram não só um porta-voz, mas um coro consensual em meio ao qual a voz de cada um em seu interior se torna muito poderosa. Em uma palavra, Bolsonaro pôde falar pouco, porque há uma série intensa, extensa e consolidada

de práticas e discursos conservadores e reacionários na história brasileira. Enfim, certamente, falou pouco, porque seu populismo se assentou nesta lógica: para quem já está absolutamente convencido da existência de um inimigo comum, qualquer gesto indicador já é suficiente para o sentimento de integração comunitária às “pessoas de bem”. A esta e a outras, se soma a de que aos que já estão enredados em um consenso e aos que só precisam entender ordens, aos que só cabe a obediência, meia palavra basta...

## Notas

<sup>1</sup> Ver, entre outros, os seguintes textos: “Três erros de comunicação cometidos por Bolsonaro que você pode evitar”, de Reinaldo Polito, publicado no portal *Uol*, em 05 de fevereiro deste ano; e “Bolsonaro fala outra língua”, de Miguel Lago, publicado no site da revista *Piauí*, em 13 de agosto de 2018.

<sup>2</sup> “Bolsonaro falando a verdade, como sempre”, de Marco Antônio Felício da Silva (General de Brigada), publicado em 16 de janeiro de 2015 no seguinte blog: <https://liciomaciel.wordpress.com/2015/01/16/bolsonaro-falando-a-verdade-como-sempre/>

<sup>3</sup> Foucault (1997, p. 31).

<sup>4</sup> Ver Pêcheux (1997), Orlandi (2001) e Possenti (2008).

<sup>5</sup> A ideia vem de Rancière (1996).

<sup>6</sup> Para definição das noções de fala enfática, tensa, dramática e distensa, suas configurações fônicas e suas correspondências com papéis sociais do falante, ver Madureira (1996)

<sup>7</sup> Para mais informações sobre essas relações entre padrões prosódicos e entoacionais, ver Cagliari (2007).

<sup>8</sup> “Podemos tornar os ouvintes benevolentes de quatro maneiras: baseados em nossa pessoa, na de nossos adversários, na dos ouvintes e na própria matéria. (...) Baseados na pessoa dos adversários, granjearemos a benevolência se levarmos os ouvintes ao ódio, à indignação e ao desprezo. Ao ódio havemos de arrebatá-los se alegarmos que aqueles agiram com baixeza, insolência, perfídia, crueldade, malícia e depravação. À indignação os moveremos se falarmos da violência dos adversários, da tirania, das facções, da riqueza, intemperança, notoriedade, clientela, laços de hospitalidade, confraria, parentesco, e revelarmos que se fiam mais nesses recursos do que na verdade. Ao desprezo os conduziremos se expusermos a inércia dos adversários, sua covardia, ociosidade e luxúria. (...) Baseados nas próprias coisas, tornaremos o ouvinte benevolente se elevarmos a nossa causa com louvores e rebaixarmos a do adversário com desprezo”. (*Retórica a Herênio*, livro I, cap. 8)

<sup>9</sup> Neste ponto, a locução em voz *off* é substituída pela reprodução de parte de um pronunciamento no Congresso Nacional da então deputada Mara Gabrilli, do PSDB, no qual ela acusa o ex-presidente Lula de liderar um esquema de extorsão na cidade de Santo André, cujos desdobramentos foram responsáveis pelo assassinato do prefeito Celso Daniel, em janeiro de 2002. Ao final dessa reprodução, a sequência é retomada nos mesmos moldes: locução em voz *off*, do mesmo locutor, com os mesmos padrões vocais e com mesmos elementos prosódicos.

<sup>10</sup> Para definição e funcionamento da noção de modalização autonímica, ver Authier-Revuz (1998).

<sup>11</sup> “O exórdio deve sempre ser bem cuidado, engenhoso, farto em pensamentos, ornado com expressões justas e bem escolhidas, principalmente, de acordo com o tema de que trata. Com efeito, ele está encarregado de dar uma ideia do restante do discurso. Ele lhe serve de recomendação e deve, portanto, encantar e atrair o ouvinte. (...) Todo exórdio deve dar uma geral do que tratará, deve preparar o terreno, lançar as sementes e facilitar o acesso ao que se seguirá”. (Cícero, *Do orador*, livro II, cap. LXXVIII-LXXIX, 315-320). No pronunciamento que ora examinamos, o candidato parece não ter ignorado os conselhos de Cícero, mas ter seguindo, antes, o de Aristóteles: nos “discursos dirigidos ao povo (...), os ouvintes sabem sobre o que se delibera e o assunto dispensa completamente um exórdio, a não ser que se trate de algo sobre a própria pessoa do orador”. (*Retórica*, Livro III, cap. XIV, 1414b-1416a). Ver também nota 4.

<sup>12</sup> A afirmação passa ao largo de, ao menos, dois fatos revelados por insuspeitos veículos da mídia brasileira: “O candidato à Presidência da República pelo PSL, Jair Bolsonaro, foi o primeiro a bater R\$ 1 milhão em doações de apoiadores para a campanha eleitoral. A marca foi ultrapassada (exatos R\$ 1.000.182) na noite de domingo. Somente 59 dias após o início da arrecadação, iniciada no dia 5 de julho.” (Soares, Jussara. “Bolsonaro é o primeiro a ultrapassar R\$ 1 milhão, em ‘vaquinha’ para campanha eleitoral”. *Jornal O Globo*, 03 de setembro de 2018) <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-o-primeiro-ultrapassar-1-milhao-em-vaquinha-para-campanha-eleitoral-23034278> . Acesso em 18 de fevereiro de 2019. “Empresas estão comprando pacotes de disparos em massa de mensagens contra o PT no WhatsApp e preparam uma grande operação na semana anterior ao segundo turno. A prática é ilegal, pois se trata de doação de campanha por empresas, vedada pela legislação eleitoral, e não declarada. A *Folha* apurou que cada contrato chega a R\$ 12 milhões e, entre as empresas compradoras, está a Havan. Os contratos são para disparos de centenas de milhões de mensagens. As empresas apoiando o candidato Jair Bolsonaro (PSL) compraram um serviço chamado de ‘disparo em massa’, usando a base de usuários do próprio candidato ou bases vendidas por agências de estratégia digital.” (Campos Mello, Patrícia. “Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp”. *Jornal Folha de São Paulo*, 18 de outubro de 2018) <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml> . Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

<sup>13</sup> O carisma é tradicionalmente compreendido como “qualidade extraordinária (em sua origem atribuída de maneira mágica tanto aos profetas, sábios, terapeutas e juízes quanto aos chefes dos povos caçadores e aos heróis de guerra) de um personagem que é, por assim dizer, dotado de forças ou de traços sobrenaturais ou suprahumanos ou ainda dotado ao menos de algo que está fora do comum da vida cotidiana e que é inacessível aos meros mortais ou, finalmente, de alguém que é considerado como um enviado de Deus, como um exemplo a ser seguido e que é, por conseguinte, considerado como um chefe”. (Weber, 1971, p. 249)

<sup>14</sup> Ver “Elementos para uma caracterização do discurso político” in Piovezani (2009) e Courtine e Piovezani (2015).

<sup>15</sup> A peroração, que é a parte final de um discurso, “é composta de quatro elementos: a boa disposição do ouvinte em favor do orador e contra seu adversário, a amplificação ou a redução dos argumentos, a excitação das paixões no auditório e a rememoração dos fatos. Naturalmente, após ter demonstrado que dizemos a verdade e que os adversários mentes, podemos louvar uns e acusar outros e finalizar. Ora, é preciso visar a estabelecer uma dessas duas opiniões: somos bons e os adversários maus, seja do ponto de vista dos ouvintes ou em termos absolutos. (...)

Depois disso, é preciso agitar as paixões do auditório. Essas paixões são a piedade e o terror, a cólera, o ódio e a inveja, a emulação e a disputa”. (Aristóteles, *Retórica*, livro III, cap. XIX, 1419b).

<sup>16</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/14/politica/1534276152\\_537579.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/14/politica/1534276152_537579.html), ver item “Debates em televisão aberta”. Ocorreram, efetivamente, 7 debates eleitorais entre os candidatos à presidência da República nas eleições de 2018. No segundo turno, não houve nenhum debate. As emissoras de tevê desistiram de sua realização diante da recusa de Bolsonaro em participar dos debates.

<sup>17</sup> Miguel Lago, *op. cit.*, na nota 1.

### Referências

- Aristóteles. (2003).** *Rhétorique*. Paris, Les Belles Lettres.
- Authier-Revuz, J. (1998).** *As palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas, Editora da Unicamp.
- Cagliari, L. C. (1992).** “Prosódia: algumas funções dos suprasegmentos”, em *Caderno de Estudos Linguísticos*, n. 23, pp. 137-151, Campinas, Unicamp.
- Cícero. (2002).** *De l’orateur*. Paris, Les Belles Lettres.
- Courtine, J-J.; Piovezani, C. (Org.) (2015).** *História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso*. Petrópolis, Vozes.
- Foucault, M. (1997).** *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- Madureira, S. (1996).** “A matéria fônica, os efeitos de sentido e os papéis do falante”, em *Delta*, n. 12, pp: 87-93, São Paulo, PUC.
- Orlandi, E. (2001).** *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas, Pontes.
- Pêcheux, M. (1997).** *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes.
- Pêcheux, M. (2011).** “Língua, Linguagem, Discurso”, em *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise do discurso*. São Paulo, Contexto.
- Piovezani, C. (2009).** *Verbo, Corpo e Voz: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político*. São Paulo, Editora Unesp.
- Possenti, S. (2008).** *Os limites do discurso*. São Paulo, Parábola.
- Rancière, J. (1996).** *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo, Editora 34.
- Retórica a Herênio*. (2005). São Paulo, Hedra.
- Weber, M. (1971).** *Économie et Société*. Paris, Plon.

## Nota biográfica



**Carlos Piovezani** é professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Foi coordenador do PPGL/UFSCar e coordena os grupos de pesquisa Laboratório de Estudos do Discurso (*LABOR / UFSCar*) e Grupo de estudos da voz no discurso (*VOX / UFSCar*). É autor de *Verbo, Corpo e Voz* (Editora UNESP, 2009) e organizador das seguintes obras: *Legados de Michel Pêcheux* (Contexto, 2011); *Presenças de Foucault na Análise do discurso* (EdUFSCar, 2014); *História da fala pública* (Vozes, 2015), *O Discurso Social e as Retóricas da Incompreensão* (EdUFSCar, 2015) e *Saussure, o texto e o discurso* (Parábola, 2016).

**E-mail:** cpiovezani@uol.com.br